



A PRIMAVERA

Orgão litterario, critico e noticioso

REDACTORES—DIVERSOS,

EDITOR—PEDRO R. DE SOUZA

ANNO I

Codo—Maranhão—10 de Dezembro de 1896

NUM. 1

EXPEDIENTE

Assignaturas

Por mez.....500 rs
Pagamento adiantado.

Artigos de interesse geral e litteratura, publicam-se gratuitamente.

Anúncios e publicações de interesse particular—conforme o ajuste.

«A Primavera» publica-se uma vez por semana.

A PRIMAVERA

«A Primavera» foi o nome que adoptamos.

E' elle a synthese do nosso programma na vida jornalística, que ora encetamos.

Na primavera, enfolham, florescem os vegetaes, e a vida, que se avizinha, se revigora, a juventude, o vigor, a vida.

O nosso jornalzinho é tambem isso, é um grupo

de moços que sacode o hiberno da ociosidade, e floresce na luta pelo saber, e que attinge os arroubos primaveris da intelligencia.

Havia nesti comarca um jornal unico—o «Monitor», que, grave como um missionario de barbas longas e encanecidas, tracta quasi exclusivamente de assumptos, como elle, graves.

Era preciso quebrar essa monotonia, dar a imprensa codoense nas touz garulas, como a mocidade ingenua.

D'ahi a origem d'«A Primavera», que cogitará apenas de litteratura e critica.

Esta será elevada e graciosa, forte e sã.

Têm vida ephemera todos os jornaes que tal programma adoptam, esperamos, porém, que a boa vontade da sociedade, a que vive, nos ajude a prosperar. As nossas energias de moços, e a das nossas dificuldades poderão reagir, uma vez, porém, que nos animem nos defallecimentos proprios da idade.

LITTERATURA

FOLHAS ESPARSAS

O que eu amo...

Não é um olhar vivo, ardente, que faça palpar um coração que soffre, um coração que se sente feliz com os grilhões do amor, não é tambem uma voz leste, maviosa como a da rola carpindo e despozo bem amado; uma voz que embriague os sentidos; que mova as mais intimas fibras do coração; que faça revelar o mais occulto segredo de amor, não é... O que eu amo... é a tua alma, irmã da minha, a tua alma nobre, sublime, cuja poesia não se extata em vãs melodias.

O que eu desejo

Não é uma vida sempre feliz, sem interrupção na ventura, sem luctos, afonha, desconfiança, como a creança louca que brinca e dorme no roço; não é ouvir amas e essas melodias divinas, que nos arrebatam e transportam ás regiões onde tudo são sonhos, ilusões, chiméras, não é tambem estar sempre junto a ti, respirando o ar que res-

diras, ouvindo palavras de ternura que só tu sabes proferir; e que nos teus cantos se misturam em perolas, em flores, em balsamos que suscita as magoas d'este coração que te pertence; não é...
O que eu desejo... lanceio com todas as forças de minha alma, com todo o ardor de minha juventude, é, quando o extremo adeus soltar as esperanças, ouvir pronunciar o teu nome, que está eterna e profundamente gravado em meu coração!

O que eu quero...

Não é sentir perpassar pelo meu rosto a brisa da tarde, que corre a terra, embalsamando o ar e o céu, que suspira e geme entre as flores que não sabe o que é dor, que não ouve os meus suspiros, que não vê a brisa que vicia a canção que se canta ao noite, o passarinho derrama, oculto em moitas de jasmim, umas canções merencórias, tão ternas que arraiam lágrimas dos meus olhos, suspiros de meu peito—não é também sentir um bálsamo divino sobre as chagas de meu coração, que a dor espedaça e dilacera ou então uns lábios que entornem nos meus um alento ardente, escaudador, não é... *O que eu quero...* é sentir flôr em meu rosto os teus formosos olhos negros, que infiltram-me n'alma e bestias arrebolos, ter entre as tuas minhas mãos e... n'um aperto louco, sentir nos teus lábios os meus beijos, e assim... morrer.

Marianna Luz

Chorinho

Desce a tarde O sol encolhe,
 Em seu manto entrançadinho
 Sobre os colinos bonitos
 A campina ibrescente.

Os plumosos trovadores
 Em maviosas balladas,
 Procuram o ninho occulto
 Entre moitasperfumadas.

As borboleta travessas,
 Aereas floresformosas,
 Descançam as leves phalenas
 Nas rubras jet'las das rosas.

A brisa, porentre as ramas,
 Marmura um canto em surdina,
 Tangendo a lanta campestre,
 Desce o pasbr da collina.

Marianna Luz

Chorinho

A...

Que louca foste tu, como in-
 sensata
 Inigante, mulher do meu ac-
 tu,
 Cobrindo de baldões fortes,
 pungentes,
 A quem de roças, queria o
 teu porvir!

Desvairada a razão, te fez jul-
 gar
 Que en foste talvez, um D.
 Jesus,
 Que puresa não tinham meus
 affectos,
 E chimera chamar-te minha
 irmã.

Que louca foste tu, mas não
 te odeio

Adobora as magoas me tenham
 concentrado;
 O mundo que colla, se torna
 em flores,
 Para o dia feliz do teu noiva-
 do!

Esqueçamos do passado,
 dor, o pranto,
 As horas de martyrio de af-
 licção;
 Congracemos nossas almas,
 pois eu sinto
 Eu sinto por ti, amor de ir-
 mão.

Oidiple Anin

Codó—Dezembro—1896.

NOTICIAS

Dr. Fragoso

Chegou no vapor «Vian-
 na» o nosso bom amigo F.
 Fragoso. E' uma boa penna,
 com que podemos contar,
 para o nosso modesto jor-
 nalzinho.

Abraçamol-o.

Grupo União

Dará um grande e variav
 do espectáculo no domingo
 vindouro, o Grupo Gymnas-
 tico União Maranhense.

Lá estaremos e faremos
 no proximo numero a nossa
 apreciação.

Introdução

Tem sido bastante conhecida a fealdade de N. S. da Conceição.

Na noite de 4 pregou ao Evangelho o rev. padre Fabio, que esteve algumas horas entre nós, de passagem no vapor «Caxienze».

Chegada

Da cidade de Caxias, onde tinha ido em procura de melhoras para os seus sofrimentos, chegou o nosso amigo tenente coronel Macedo, filho de Almeida, o quem acompanhamos.

Pede-se encarecidamente ás pessoas que receberem o nosso modesto jornalzinho, e que não queiram aceitar a assignatura, o favor de devolvê-lo no prazo de 24 horas, á typographia do «Monitor» sob pena de serem considerados assignantes e sujeitarem-se ao pagamento nelle estipulado.

Quem o moço que se casa
Deve ter um pau no canto.
Para benzer sua sogra
Quando estiver do quebranto.

SECÇÃO PARTICULAR

Aguenta-te...

Primavera... queo sympathico esse nome que te dão, mensageira de boas pilherias. Aguenta-te, vai por diante.

Vai o que... o mundo vai, e os que se queixam da falta de coiza... e tu vens assim... com a gente de mal a te envolveres neste marasma de quebradeira...

Aguenta-te, já te disse! O teu porvir está no risco de precipitante nas boccas dos lobos...

Por estas rirzeas ha muita suscetibilidade; e, quando alguém calha na patallisa da anadia, alguns typo ainda mesmo omitindo nomes, todos que leem o jornal, dizem logo: é commigo!

acha curiosa em cada vulto que passa, em cada toco que topa... Icho...

Se se tracta de votos, diz algum dos chefes á outro (não se admira porque todos aqui são chefes...) Fala, se virespor ahí Cierano, toca-lhe na coiza!... A coiza, sabem o que é? É o voto da eleição de 30...

Si vamos a alguma padeira, como aquela do Deserto, lá também a coiza vem em pleno Panthor dos bifos e dos assados?

Assistimos ás solemnidades religiosas, lá também vem a coiza...

Si nos recessos do lar cui-

amos o de expandir os raios fúlgidos de nossa alma, aliado pela trivial quebradeira, ali mesmo a mulher e até os médicos de casa nos toca...

Venha, pois, esse dia 30, para d'uma vez—cuidarmos em coisas mais atrahentes e, quicá, mais serias...

«Primavera» aguenta-te!... Aos teus colaboradores, recommenda sempre—espiritismo. Buffon disse que o estilo é o homem; tu—pelo nome és mulher e mulher arreira, que te reduz n'um momento, da flor que és—á semente es-torricada; teu nome que serve de campainha aos acasos sarios, deveis convir que deves respeitá-lo, que sejas a verdadeira do teu roculo, que procures amenizar os choar-rices para que a philosophia da critica seja por ti capazmente instruída.

Agota é com o teu empresario, minha Flor...

Não vê elle atravez de uma epocha calamitosa como esta, que é improvavel se não im-possivel a tua permanencia no scenario jornalístico?

Não conheço elle aquelle soneto de M. Roussado, que começa assim?

Calça d'algodão, bolso rapado;
Camisa q' até tem alghairas;
O mocó serve de charlateiras,
Sapato q' do pé foi ausentado!

Restos ainda se vê o caxente.
Rosto melleito e caveirado,
Olhos q' indicam só penuria,
Paladar por jejuns desafina-do!

N. B. Alguma cousa está alterada, por conta e risco do compositor das «Noites de Lisboa».

Mas, como eu ia dizendo, a cabeça do teu empresário está em antagonismo porfiado com o bom senso...

Em fim, permita Deus que eu minta.

Aguenta-te! até segunda-feira se viva fores.

O cascabelho

Cód. 7 de Dezembro de 1896.

DESPEIDIDA

Eu e minha família era de dever despedir-me pessoalmente de todos os meus amigos e conhecidos, porém a presteza da partida privando-me de dar cumprimento a esse dever imposto pela gratidão e civilidade, aproveito o ensejo para, do alto da imprensa, desonerar-me; offerecendo aos meus referidos amigos, companheiros de trabalho, operários; e geralmente ao povo Codoense, os meus limitados e fracos serviços, onde, porventura, o destino levar-me.

Cód. 10 de Dezembro de 1896.

Elydio Barboza

PASSA TEMPO

Um vigário almoça com o seu sacristão em uma estalagem da roça.

Terminada a refeição, dirigindo-se ao estalajadeiro, diz-lhe:

— Conheço?

— Sim, senhor é o vigário Joaquim.

— Pois meu caro senhor, eu quero que me fie os almoços, porque nem eu nem o sacristão tem com que lhe pagar.

— Não ha Juvida, reverendissimo eu vou tomar nota.

— Homem! isso é máo. Pode alguém ver o meu nome em seus livros figurando como devedor, e isso faz mal a alma.

— Não se assuste vossa reverendissima, eu sei arranjar as coisas.

E escreveu

Deve DOMNUS VOBISCU
por um almoço, 1\$500; um dito para o Espírito tuo, 1\$500.

No tribunal tenho fé que me devirto—1—2

Procura esta ave na cassinha—2—2

Parado da se os meninos—1—2

A primeira moeda é ligeira—1—1

Este animal de terra prende—2—2.

Frivoleto

No tribunal:

Juiz.—O seu nome?

Testemunha.—Polydoro.

Juiz.—Sua profissão?

Testemunha.—Ferrador para servir a V. Exc.^a.

Um medico á sua cliente:

—Vou receitar para V. Ex. uma dose de poia.

—Não me vale de nada, doutor: tenho tomado por diversas vezes e vomito logo.

Telegramma:

A um pai, dando a alegre noticia da chegada do filho:

«Juca aqui chegou. Grande contentamento.»

E o pai recebeu isto:

«Juca se enforcou. Mande testamento.»

Saíram da mesma rua

Um enterro e um noivado,

E dentro em breve passavam

Morta e noiva lado a lado.

Ambas de branco vestidas,

Ambas de candido véo:

Uma, ao altar caminhava

Ja estava a outra no céu!

Qual julgam que ia risonha?

Qual que chorosa estava?

Talvez o leitor se engane

Pois se visse, pasmava:

Pois talvez dissera, vendo

Sentir uma, outra a chorar

Que ia morta ao seu noivado

E ia a noiva a se enterrar!

Ext. 1. 1.

Imp. na typ. do Monitor